



Vivendo a extensão universitária: entendendo como o engajamento em ações de extensão pode mudar a percepção dos estudantes sobre extensão universitária

Palavras-Chave: EXTENSÃO UNIVERSITÁRIA, ALUNO EXTENSIONISTA, EXTENSÃO NA GEOCIÊNCIAS

Autores:

Allyne Ellen Ferreira de Araujo, IG - UNICAMP

Prof. Dr. Roberto Greco (orientador), IG - UNICAMP

INTRODUÇÃO:

A extensão universitária se tornou oficial no Brasil, a partir de 1931, pelo decreto-Lei nº 19.851/1931, feita pelo Estatuto da Universidade Brasileira, mas sua obrigatoriedade nos ambientes de ensino superior ocorreu apenas em 1968, a partir da Reforma Universitária baseada na Lei 5.540. Após a entrada da nova constituição brasileira em 1988, pelo Art. 207, tornou-se indissociável o ensino, a pesquisa e a extensão em ambiente universitário.

Segundo FORPOREX (2006), foram criadas medidas para gerar a flexibilização curricular da universidade, pois com a reorganização interna e a união dos três pilares, *ensino, pesquisa e extensão*, a formação acadêmica deveria ir além da transmissão de conhecimento em sala de aula, mas sim articular teoria-prática, tendo atividades plurais, críticas e interdisciplinares. A partir desta resolução, foram criados regulamentos e legislações a respeito da extensão universitária, a fim de que esta fosse mais presente no currículo e na vida dos alunos de universidades públicas.

Pela Lei nº 10.172/2001, do Plano Nacional de Educação (PNE), houve a implementação da meta nº 23 que fala sobre a necessidade de colocar 10% da carga total de créditos curriculares dos cursos universitários federais para atividades de extensão. Já o atual PNE, Lei nº 13.005/2014 (duração até 2024), demanda, pela meta 12.7, que todas as Instituições de Ensino Superior, seja federal ou estadual, estabeleçam 10% de sua trilha curricular as atividades de extensão. Posteriormente em 2018, a Resolução nº 7, estabeleceu diretrizes para a extensão na educação superior brasileira pelo Ministério da Educação (MEC), juntamente com a Câmara de Educação Superior (CES). Esta resolução complementou a meta 12.7, adicionando a necessidade de se incluir 10% da carga horária de extensão a matriz curricular de todos os cursos de Instituição de Ensino Superior (IES).

A extensão é um processo de formação oferecido pela IES que une educação, cultura e ciência, articulando de forma indissociável a pesquisa e o ensino, criando um diálogo entre os conhecimentos universitários e os conhecimentos, necessidades e demandas da sociedade (FORPROEX, 200). O discente tem como parte deste espaço, aprender (de forma prática), ensinar e/ou contribuir para a comunidade na forma de serviços em nome da universidade. Pois a universidade trás esse ambiente, lugar em que a extensão se torna um local de troca de saberes técnicos (pelo aluno) e popular (pela comunidade), construindo uma dialética de saberes que induz o crescimento

mútuo de ambas as partes (PAULO FREIRE, 2013); dialética essa que cria uma transformação social (GADOTTI, 2017).

A UNICAMP, é uma autarquia autônoma educacional, subordinada ao Governo Estadual em relação a subsídios (UNICAMP, site sem data), que fica situada na cidade de Campinas no Estado de São Paulo. Nela se encontra o Instituto de Geociências, que seguiu as adequações curriculares de extensão indicadas pelo PNE 2014, e pela Resolução de 2018 do MEC, assim como as demais unidades da instituição. A implementação ocorreu em 2022 e a execução começou a partir das turmas ingressantes de 2023. Porém, o instituto produz e incentiva a participação dos graduandos em diversas atividades de extensão desde sua fundação, sendo ainda mais comum ao longo dos últimos 10 anos.

Para observar as percepções e ideias dos alunos participantes de projetos de extensão, utilizamos entrevistas com alunos que já executaram ou executam ações de extensão como extensionista. Sendo o extensionista o aluno que executa uma ação e/ou atividade voluntária, onde usa o conhecimento teórico aprendido em aula, na prática trabalhando habilidades como: oratória, leitura e utilidade como pessoa e profissional a sociedade (MAIA et al, 2017).

Portanto, o objetivo desta pesquisa foi colher ideias e percepções dos alunos graduandos dos cursos de Geografia e Geologia do Instituto de Geociências (IG) da UNICAMP, fazendo o levantamento sobre o engajamento dos discentes acerca das atividades de elaboração e execução de ações de extensão universitária dentro do Instituto de Geociências, participando, vivenciando e contribuindo para a dialética de aprendizado neste formato de estudo e aprendizagem. Segundo Nozaki et al. (2022) a apropriação de conhecimentos vai muito além da sala de aula, pois, a vivência em contato com a comunidade auxilia no desenvolvimento interpessoal, da convivência em grupo e responsabilidade com o outro, sendo a extensão um instrumento que liga de modo necessário a universidade com a sociedade. Logo, as ações de extensão tornam todo o processo de formação mais rico, pois, adiciona o fator *realidade* (não só teoria), na construção dos saberes dos alunos. Além do mais, potencializa e favorece a capacitação do universitário em sua atuação profissional, na medida que possibilita o contato do aluno com diversas realidades sociais, aplicando os seus conhecimentos obtidos em aula na interação com a comunidade (SANTOS E GOUW, 2021).

METODOLOGIA:

O método quali-quantitativo foi utilizado na execução da pesquisa, devido a riqueza de detalhes obtida a partir do trabalho com a estatística descritiva. Os dados para a análise foram coletados em formato de entrevistas, pois, sendo um método flexível e qualitativo, produz respostas que não são previamente moldadas como em um questionário, auxiliando a captar toda a subjetividade pessoal do entrevistado, suas vivências e processos sociais onde está imerso (Bogdan, 1994). Foram entrevistados 30 estudantes de graduação do IG, sendo 50% discentes de Geografia e 50% discentes de Geologia. Para a seleção dos estudantes participantes da entrevista, foi atribuído livre direito de voluntariado entre os alunos matriculados nos cursos de graduação do IG, independente do ano de ingresso e projeção de integralização do curso, contanto que esses tenham participado ao menos uma vez de ações de extensão como extensionista

Todas as entrevistas foram semiestruturadas com roteiros por tópicos gerais, deixando assim o espaço livre para que os entrevistados expressem suas subjetividades de forma fluida e natural (ALVES E SILVA, 1992). Para a preservação dos dados colhidos, as entrevistas foram gravadas e posteriormente transcritas na íntegra, para que se preservem integralmente o discurso dos participantes, depois foram analisadas utilizando a metodologia da análise de conteúdo.

Sendo assim, a subjetividade de cada aluno foi captada nas entrevistas apresentando um rico panorama de informações acerca das opiniões sobre a extensão universitária e podendo ser utilizadas para gerar um diagnóstico da percepção dos discentes acerca da extensão, suas atividades e modificações.

RESULTADOS E DISCUSSÃO:

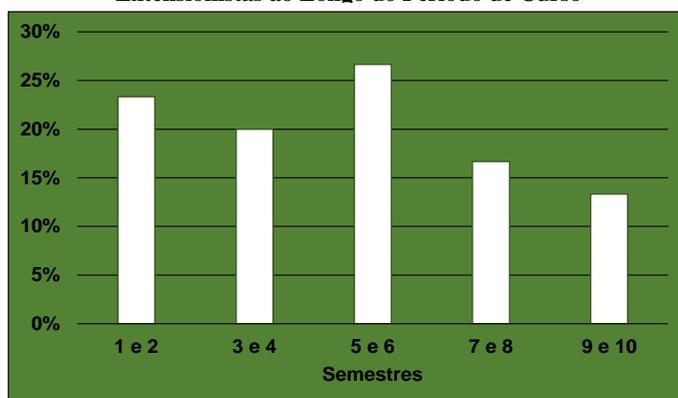
Para a execução das entrevistas semiestruturadas foram elaboradas sete questões, desenvolvidas de maneira a extrair a percepção do aluno – que é, ou já foi ativo em atividades de extensões (como extensionista) – deixando espaço para que o entrevistado expressasse toda a sua subjetividade e olhar pessoal sobre as atividades por ele executadas.

Analisando o conteúdo das entrevistas, podemos perceber que os alunos extensionistas dos cursos de graduação do IG, possuem engajamento em extensões relacionadas a: divulgação da universidade, divulgação científica e ensino. A atividade de extensão mais ativa entre os participantes da pesquisa foi a UPA (Unicamp de Portas Abertas), correspondendo a 46,6% das participações dos entrevistados, seguida por ação em cursinhos populares (pré-vestibulares e vestibulinhos) com 30%. Além do mais, 73,4% relataram participação em alguma ação de divulgação científica variada – atividades pontuais em ações de extensão em formatos de minicursos; palestras; oficinas e projetos de divulgação científica, como: *Geominas* (projeto focado na divulgação científica das geociências para meninas) e o *Paleontologia das Coisas* (projeto focado na divulgação científica das geociências para crianças e adolescentes).

Grande parte dos participantes iniciaram suas atividades como extensionista a partir do segundo semestre de curso:

Nos 4 primeiros semestres há um certo predomínio de participações em ações de extensão como a UPA e atividades internas do IG, como palestras e oficinas voltadas a comunidade acadêmica, como a semana da Geografia ou Geologia (especialmente no quarto semestre). Já a partir do quinto semestre há o aumento da participação em atividades externas, focadas em divulgação científica e ensino, como minicursos, palestras e atuações em cursinhos populares. Observamos nas entrevistas que mais de 80% dos alunos extensionistas entrevistados que executam atividades como de cursinho popular iniciam sua jornada a partir do quinto semestre de curso e que a atividade em cursinhos populares começa a ser mais presente nos semestres finais do curso.

Tabela 1 – Porcentagem de Participação dos Alunos do IG como Extensionistas ao Longo do Período de Curso



Fonte: Elaboração própria

Um ponto importante a se destacar é que o curso de Geografia integral possui dois semestres a menos do que os cursos de Geografia noturno e Geologia, dessa forma, o engajamento na extensão e a formação destes alunos ocorrem um pouco antes do que os outros dois cursos.

Quando a pergunta “*O que te motiva a participar de ações de extensão como extensionista?*” foi introduzida a conversa, todos proferiram respostas que indicavam o sentimento de altruísmo e a vontade de produzir mudanças e diferenças nas realidades sociais. Falas como “[...] possibilitar que outras pessoas possam ter a oportunidade de acessar um ensino de maior qualidade [...]” e “[...] inspirar a seguir carreira nas geociências.” estão presentes nos discursos, além da concepção de que a formação universitária atrelada a atividade de extensionista colabora com o crescimento e desenvolvimento profissional e pessoal.

Quando perguntados sobre os sentimentos acerca do protagonismo em extensões e os principais aprendizados adquiridos com essa atividade, a maioria (74%), expressou que possuíam em algum grau medo e ansiedade perante a responsabilidade que o papel de extensionista demandava, porém, todos os participantes relataram que a experiência foi transformadora, gerando modificações internas sobre a percepção de si mesmo e de seu valor na sociedade. Foram frequentes falas como: “[...] *[no final] o principal sentimento foi de satisfação e de alegria e de realização*”, “*no final a gente se surpreende com a gente mesmo em como amadurecemos*” e “*É um sentimento de emponderação*”. Com frequência, também foi relatado o sentimento de contentamento perante as modificações causadas na sociedade, através da extensão.

Acerca de seus principais aprendizados, palavras como: “[...] *a interlocução sem dúvida foi um grande aprendizado {...} em um contexto parecido com o de um professor em sala de aula. Já é uma experiência para o futuro*”; “[...] *Faz a gente, também, pensar um pouco fora da caixinha [do curso], porque como aluno só pensamos na sala de aula*”; “*Aprendi a trabalhar em equipe com os outros extensionistas e a aprimorar minhas habilidades de comunicação [...]*” e “*Falar de uma forma que a comunidade também possa entender [acessível]*”. Essas falas mostram que o protagonismo em ações de extensão constrói, além de fatores acadêmicos, recursos de vida tanto para a esfera pessoal, quanto para a profissional.

Também foi perguntado aos participantes se após esse período de experiência eles possuíam sugestões de ações de extensão para se elaborar dentro da universidade e no IG. 43,4% sugeriram extensões de caráter educacional, como: oficinas e palestras de geociências em escolas públicas; abertura de visitas escolares ao ambiente universitário, para que os visitantes participassem de oficinas e palestras dentro das dependências da universidade e a criação de um cursinho popular pautado na troca de conhecimento e desenvolvimento de habilidades dos alunos de licenciatura. Também houve a ideia de criar mentorias para alunos de ensino médio que gostariam de cursar algum curso de geociências, ajudando e dando dicas aos vestibulandos sobre estudos e conhecimentos básicos necessários ao bom andamento do curso (após a aprovação).

Os entrevistados foram conduzidos a pensar maneiras de estimular outros alunos de graduação se engajarem em ações de extensão. Como resultado obtivemos ideias como: “*eles [alunos] ter o contato prévio com essas atividades [de extensão], nem que seja por meio da UPA, por exemplo, já poderia ser um ponto que influenciaria eles a se engajarem mais, participarem mais [das ações de extensão].*” e “*Divulgação é a primeira coisa, eu acho que ficar recebendo as informações sobre as coisas só pelo e-mail da DAC não é tão eficaz. Talvez um mural ou até se os professores falassem mais sobre durante as aulas*”. Portanto, demonstrando a necessidade de uma

divulgação maior das ações de extensão e da necessidade de inserir os alunos desde o início do curso ao primeiro contato com as atividades de extensão.

CONCLUSÕES:

A extensão é uma ferramenta de ensino e aprendizagem que foi vinculada aos estudos acadêmicos no Brasil desde 1931, tendo maior força após a deliberação do MEC pela sua curricularização nos cursos de ensino superior. Atualmente, em meio ao primeiro momento de articulação da curricularização em todos os cursos de graduação da UNICAMP, é necessário encontrar meios de se vincular de maneira mais fixa a essa atividade tão importante.

Saber como os alunos de graduação se engajaram e como estes vê o trabalho de extensionista é de extrema relevância; por isso esse trabalho teve o cuidado de observar (e pontuar com perguntas importantes), as faces, atividades e sentimentos dos entrevistados acerca das ações de extensão.

Pelas respostas dos entrevistados percebe-se que a extensão é um pilar importante na formação superior, pois, cria um ambiente de aprendizados que extrapolam a esfera teórica, fazendo o aluno desenvolver habilidades profissionais, pessoais e humanas, contribuindo para a sociedade e se enxergando como um membro valioso e necessário. Dar o protagonismo ao aluno extensionista o ajuda mais do que simplesmente aplicar seus conhecimentos adquiridos, mas aprender a ser um cidadão humano.

BIBLIOGRAFIA

1. ALVES, Z. M. M. B.; SILVA, M. H. G. F. D. **Análise qualitativa de dados de entrevista: uma proposta.** Paidéia (Ribeirão Preto), Ribeirão Preto, n. 2, p. 61-69, July 1992.
2. BRASIL. **Constituição da República Federativa do Brasil de 1988.** Belém: Brasa, 1988. Disponível em: <http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/constituicao/constituicao.htm>. Acesso em: 22/04/2021
3. BOGDAN, Robert; BIKLEN, Sari. **Investigação qualitativa em educação: uma introdução à teoria e aos métodos.** Portugal: Porto Editora, 1994. cap. 1 e 2, p. 48-52.
4. BRASIL. Decreto nº 19.851, de 11 de abril de 1931. Dispõe o sistema universitário do Brasil. Câmara dos deputados. Disponível em: <<https://www2.camara.leg.br/legin/fed/decret/1930-1939/decreto-19851-11-abril-1931-505837-publicacaooriginal-1-pe.html>> Acesso em: 22/04/2021
5. FORPOREX. **Indissociabilidade ensino-pesquisa-extensão e a flexibilização curricular: uma visão da extensão.** Porto Alegre: UFRGS/Brasília, DF: MEC/SESu, 2006.
6. FREIRE, Paulo. **Extensão ou comunicação?** (1. ed.). Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2013.
7. GADOTTI, Moacir. **Extensão Universitária: Para quê?** Instituto Paulo Freire, 2017.
8. Maia, J. J. B., dos Santos, A. R., dos Santos, W. T., & da Silva, A. C. Q. **O Despertar do Aluno Extensionista Para a Ação Cidadã Através do Projeto Debate, Café e Cinema.** X Colóquio de Extensão da UERN. Rio Grande do Norte. 2017
9. Lei nº 5.540 de 28 de novembro de 1968. **Fixa normas de organização e funcionamento do ensino superior.** Disponível em: <http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/15540.htm> Acesso em: 23/04/2021
10. Lei nº 10.172 de 9 de janeiro de 2001. **Aprova o Plano nacional de Educação e dá outras providências.** Disponível em: <http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/leis_2001/110172.htm> Acesso em: 22/04/2021
11. Lei nº 13.005 de 25 de junho de 2014. **Aprova o Plano nacional de Educação e dá outras providências.** Disponível em: <http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_ato/2011-2014/2014/lei/113005.htm> Acesso em: 24/04/2021
12. MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO. **Diretrizes para as Políticas de Extensão da Educação Superior Brasileira.** PROCESSO Nº: 23001.000134/2017-72. 2018. CNE/CES.
13. NOZAKI, J.; HUNGER, D.; FERREIRA, L. **Práxis e curricularização da extensão universitária na Educação Física.** Revista Brasileira de Extensão Universitária, v. 13, n. 1, p. 1-11, 4 mar. 2022.
14. MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO. Resolução nº 7 de 18 de dezembro de 2018. **Estabelece as Diretrizes para a Extensão na Educação Superior Brasileira e regimenta o disposto na Meta 12.7 da Lei nº 13.005/2014, que aprova o Plano Nacional de Educação - PNE 2014-2024 e dá outras providências.** Brasília. 2018.